

“Faz um TikTok” e tradução semiótica de Lotman

CATHARINA LAUTERBACH¹; ROBERTA COELHO BARROS²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – lauterbachcatharina@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – robertabarros@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Quando o TikTok se populariza através do Musical.ly, o cenário das plataformas digitais ainda não contava com uma que priorizasse o formato de vídeos verticais - eles eram utilizados principalmente em *stories*¹ e em vídeos trocados entre conversas pessoais, gravados em primeira pessoa com o smartphone na mão - sempre com tom mais informal.

Enquanto isso, plataformas voltadas para criadores, como YouTube, priorizam a qualidade técnica do formato, que derivou de produtos comerciais, até pelo escasso acesso às câmeras de vídeo e equipamentos de edição antes da era digital. O Instagram, por sua vez, mantém o tom aspiracional e nostálgico, e até antes da popularização do TikTok não contava com uma tela que apresentasse só o vídeo, a interface da plataforma voltada para fotos prevalecia muito mais.

O TikTok traz um formato de navegação contínuo, em uma *dashboard* uma tela que apresenta todas as principais funções - assistir, seguir, curtir, comentar, salvar e compartilhar, com diferentes menus nas laterais da tela, na parte superior existe a navegação entre a *for you page* e a *seguidos/following* que é basicamente composta por criadores que o usuário segue.

Entre essas diversas plataformas, um elemento comum entre elas são os memes - aqui dentro da concepção de signo virtual de Marino (2018) - que assim se tornam a principal peça da linguagem que circula dentro da instância da imagem ao vivo (Bucci 2009).

Essa historicidade do ambiente digital aqui é importante para compreender o percurso da tradução dos memes de uma semiosfera (Lotman, 2001) - esfera de significado - para outra, e assim buscando compreender como é feita a adoção de certos signos entre os usuários.

2. METODOLOGIA

Através de uma revisão bibliográfica se relacionou os processos de tradução e significação da teoria semiótica russa (Américo 2017; Lotman 2001) e suas relações pelos levantamentos de Marino (2018) dentro da instância da imagem ao vivo de Bucci (2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Popularmente, se conhece o meme dentro do seu contexto virtual, em que ele transita como uma figura do discurso que carrega uma mensagem (Marino 2018), apesar disso, o termo é proposto originalmente por Dawkins (1976) que busca nomear o fenômeno transmissível da cultura - trazendo os exemplos

¹ formato de foto ou vídeo postado disponível durante 24h em plataformas como Instagram, Snapchat, Whatsapp e TikTok.

“melodias, idéias, slogans, modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (DAWKINS, 1976, p. 330).

Quando se olha para os memes e os signos, eles compartilham certas semelhanças. Marino (2018) traz reflexões, onde pontua as críticas de Deacon (1999, 2004), Kull (2000) e Kilpinen (2008) que afirmam que o amplo conceito de meme é uma cópia fraca do signo, porém sem sua natureza triádica. Assim, Marino (2018) sugere utilizar o meme dentro de seu contexto virtual, como figura de texto que circula pelo discurso social.

Dentro do cenário virtual, os espaços de trocas entre os usuários são compostos pelas plataformas, onde assim, se estruturam as esferas de significação. Quando se fala do caráter homogêneo e original da semiosfera (Américo, 2017), é possível entender sua estrutura e, consequentemente, entender o espaço de diálogo que existe na fronteira entre semiosferas conflitantes. Esse conflito passa a perceber o outro como cultura ou não-cultura, e busca compreender como elementos que compõem uma fronteira (também uma semiosfera por si só) transformam e reconfiguram as forças culturais:

A fronteira do espaço semiótico é uma posição funcional e estrutural muito importante, que determina a essência do seu mecanismo semiótico. A fronteira é um mecanismo bilingual que traduz as mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera e vice-versa. Dessa forma, apenas com a sua ajuda a semiosfera pode entrar em contato com o espaço não semiótico e extrassemiótico (LOTMAN, 1992 apud AMÉRICO, 2017, p.14).

A troca de informações entre as semiosferas é chamada por Lotman de tradução:

Desse modo, os pontos fronteiriços da semiosfera podem ser comparados aos receptores sensoriais, que traduzem os sinais externos para a linguagem do nosso sistema nervoso, ou aos blocos de tradução que adaptam o mundo externo a uma dada semiosfera (LOTMAN, 1992 apud AMÉRICO, 2017, p.13).

O processo de assimilação linguística é descrito por Lotman (2001), segundo Américo (2017) da seguinte maneira:

1. No primeiro contato com o fenômeno, o objeto² vai ser interpretado de maneira estranha, alheia, mas que já vem dotado de um valor elevado na hierarquia percebida da cultura receptora.
2. Logo, ambas as fronteiras começam a adaptar mutuamente seus objetos, e traduzindo para sua realidade.
3. A cultura receptora passa a se reconhecer como proprietária do objeto, pelo processo de apreensão, onde ele existe pela sua percepção.
4. Os novos textos se dissolvem por completo na cultura-receptora, que então começa a produzir os seus próprios textos, baseados nos códigos culturais dos textos assimilados.
5. A cultura receptora torna-se emissora dos seus próprios textos, que se dirigem às regiões periféricas da semiosfera e que, por sua vez, provavelmente serão exportados para outras semiosferas.

Quando o TikTok entra no cenário digital, ele adentra como um fenômeno estranho para a cultura receptora, que populariza o formato vertical. Os usuários que transitam entre esses espaços passam então a circular essa mensagem e adaptar as ferramentas do ambiente. Assim, o YouTube e Instagram percebendo

² O objeto aqui é o sujeito da assimilação.

o movimento dos usuários, acrescenta uma interface semelhante a *dashboard* dos vídeos, onde por fim, os criadores agora criam nesse formato de vídeos curtos, que depois por vezes são recompõem em outras plataformas.

Por fim, aqui, se mantém como referencial o primeiro contato, então, a ideia de se fazer um vídeo curto com um tom informal continua sendo “fazer um tiktok” e não “fazer um reels” ou “fazer um shorts” - *reels* e *shorts* são respectivamente os nomes das interfaces que as plataformas oferecem.

Dentro da instância da imagem ao vivo (Bucci, 2009), os usuários convivem simultaneamente com diferentes semiosferas, assim, os memes existem na constante troca, sem a rigidez referencial da instância da palavra escrita, onde, as normas e os códigos mantinham uma fidelidade referencial maior. Bucci cita a instância da letra no inconsciente, de Lacan, onde a letra é suporte dos significados no subconsciente, por ser o suporte que se oferece, já o choque audiovisual (Turcke 2010) é um suporte diacrônico que oferece mais camadas de significado, onde o usuário se conecta constantemente.

4. CONCLUSÕES

O vídeo reforça a ideia da instância da imagem ao vivo que explica como, com o acesso à televisão e noticiários de todo o mundo, a hiperconexão trouxe um novo significado à esfera pública e às questões midiáticas semiosfera da imagem ao vivo mexe com a massa, que agora possuem suas trocas mediadas pela recomendação, precisando submeter sua expressão ao formato.

Com a falta de referencial, assimila-se características de uma semiosfera originalmente estrangeira aos usuários, se tornando ela referência para objetos futuros. Assim, os termos se adentram no discurso e no subconsciente, criando associações com os códigos e tradições já existentes nas plataformas, espelhando a comunicação dos sujeitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- DAWKINS, R. **The Selfish Gene**. 1. ed. Nova York: Oxford University Press, 1976. 224p.
BLACKMORE, S. **The Meme Machine**. Nova York: Oxford University Press, 1999. 286 p.
TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação**. Campinas: Editora Unicamp, 2010, 323p.

Artigo

- DEACON, T. W. Editorial: Memes as Signs. **The Semiotic Review of Books** n. 10 (3): 1-3, 1999.
DEACON, T. W. Memes as Signs in the Dynamic Logic of Semiosis: Beyond Molecular Science and Computation Theory. Conceptual Structures at Work. **Lecture Notes in Computer Science** n. 3127: 17-30, 2004.
KILPINEN, E. Memes versus signs: On the use of meaning concepts about nature and culture. **Semiotica**, 2008, n. 171.
KULL, K. Copy versus translate, meme versus sign: development of biological textuality. **European Journal for Semiotic Studies**, n. 12 (1): 101-120, 2000.
MARINO, Gabriele; LIMA, Cecília. Semiótica da propagabilidade: Uma abordagem sistemática de memes e virais de Internet. **Ícone**, v. 16, p. 9-41, 2018.



WANG, Yunwen. Humor and camera view on mobile short-form video apps influence user experience and technology-adoption intent, an example of TikTok (DouYin). **Computers in Human Behavior**, v. 110, p. 106373, 2020.

WENG, L.; FLAMMINI, A.; VESPIGNANI, A.; MENCZER, F. Competition among memes in a world with limited attention. **Scientific Reports**, [S. I.], vol. 2, n. 335, 2012.